

Migração, identidade e espaço em contos de Orlanda Amarílis e Chimamanda Ngozi Adichie

Shirley Carreira *

RESUMO: Este trabalho propõe a análise de textos literários que promovem não só a representação de diferentes formas de relação dos imigrantes com a terra natal, mas também o processo de reconfiguração das identidades na pátria de acolhimento. Para tanto, serão examinados os contos “Cais-do-Sodré” e “Desencanto” de Orlanda Amarílis, e “No seu pescoço”, de Chimamanda Ngozi Adichie.

Palavras-chave: território; identidade; migração.

Pensar a mobilidade é também aprender a pensar o tempo.
Marc Augé

O homem e o espaço

A associação do homem ao território deriva de uma circunstância básica: o espaço concebido como lugar antropológico, que, segundo Marc Augé (1994), é identitário, relacional e histórico. Identitário, porque a identidade singular é composta por um conjunto de elementos que vinculam o homem ao espaço, como o local de nascimento e as regras de residência etc.; relacional, porque ele compartilha com outros um conjunto de referências, memórias e traços culturais e estabelece com eles relações de sociabilidade; e histórico, porque o homem vive na história. Ao reunir elementos constituintes da identidade partilhada e da identidade singular, o lugar confere ao indivíduo uma estabilidade mínima.

Para Augé (1994, p. 158) a antropologia ligou a questão da identidade ao espaço, porque “os processos de simbolização colocados em prática pelos grupos sociais deviam compreender e controlar o espaço para se compreenderem e organizarem a si mesmos”. O deslocamento é o oposto de tudo isso, é um mundo provisório e efêmero, comprometido com o transitório, um não lugar, pois todo deslocamento implica uma desterritorialização, que pode ser provisória, no caso dos viajantes, ou permanente, no caso dos migrantes e nômades.

Em geral, o abandono do território acaba por gerar a necessidade de reterritorialização, ou seja, de reconstruir o lugar em outro espaço. Essa é a tendência do migrante, que busca refazer o território na pátria de adoção. A realocação “engendra novos espaços, que enfraquecem os laços precedentes” (CANCLINI, 2007, p.202) à medida que novas experiências surgem e novos laços vão sendo estabelecidos.

O nômade, por outro lado, é “o desterritorializado por excelência”, como afirmam Deleuze e Guattari (1980, p.473), pois este desprendimento da terra passa a ser a sua condição permanente. Assim, ele se reterritorializa com a desterritorialização.

A condição que Marc Augé denomina “sobremodernidade”, caracterizada pela superabundância de espaço, informação e individualismo, tem como um dos seus aspectos o intenso trânsito de pessoas, em parte pelo encurtamento dos espaços e do esbatimento de fronteiras. Entretanto, um simples olhar para a história humana torna óbvio o fato de que os processos migratórios sempre existiram e foram intensificados ao longo do tempo por conflitos bélicos, perseguições religiosas e políticas e necessidades econômicas.

A relação do homem com o espaço, dado o seu caráter relacional, é permeada pela memória, pela necessidade de transmissão de um saber compartilhado responsável pela sedimentação desse vínculo, uma vez que o lugar é também o espaço da ancestralidade. Não é, portanto, estranho que as representações desse vínculo permeiem as narrativas sobre

a migração. No caso da ficção, elas são intermediadas pela memória, do autor ou de outros que lhe tenham servido de fonte.

Este trabalho propõe uma análise de textos literários que promovem uma representação de diferentes formas de relação dos imigrantes com o lugar, o espaço, o território e a paisagem cultural. Para tanto, focalizaremos as dimensões social, política e cultural do fenômeno migratório, a inscrição do imigrante no espaço social e a enunciação a partir de um entre-lugar. Privilegiaremos o gênero conto e, em particular, abordaremos os textos “Cais-do-Sodré” e “Desencanto”, da cabo-verdiana Orlanda Amarílis, e “No seu pescoço” da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

Na obra de Amarílis, a diáspora é um tema recorrente, pois a ficção da autora volta-se continuamente para a inevitabilidade da busca por sobrevivência no exterior e para as contradições que estão implicadas no distanciamento do cabo-verdiano da terra natal. Em seus contos, Amarílis não apenas representa e discute a condição diaspórica e identitária do cabo-verdiano, mas problematiza o lugar que ele ocupa no cenário mundial.

Os contos e romances de Adichie, por sua vez, versam sobre imigração, preconceito racial e desigualdade de gênero, dando especial relevância às relações entre o indivíduo e o espaço social. Neste artigo, portanto, serão examinadas não apenas as relações do imigrante com a terra natal, mas também a forma como ele negocia a identidade em uma nova pátria.

Quem conta um conto?

Os contos selecionados foram escritos por autoras que, na condição de mulheres, imigrantes e negras, narram a complexidade do processo de reterritorialização, que implica a superação da tripla ruptura que o migrante sofre com o espaço, o idioma e a cultura natal (RUSDHIE, 1991).

Orlanda Amarílis (1924-2014) nasceu em Cabo-Verde, mas foi em Portugal que produziu a sua obra, centrada em narrativas curtas que abordam primordialmente a injustiça social e a vida da mulher cabo-verdiana em uma situação de diáspora. Os dois contos que examinaremos pertencem à coletânea *Cais-do-Sodré té Salamansa*, publicada em 1974.

Chimamanda Ngozi Adichie é nigeriana, mas, assim como Amarílis, construiu a sua carreira literária em outro país, os Estados Unidos da América, para onde emigrou aos dezenove anos. Escritora versátil, transita pelo conto, poesia, ensaio e romance, sendo este último o gênero em que obteve reconhecimento da crítica e de público. A sua militância em prol da mulher é igualmente responsável pelo seu sucesso internacional. O conto “No seu pescoço”, publicado no Brasil pela Companhia das Letras em uma coletânea com o mesmo título, foi, na realidade, publicado nos EUA em 2002, com o título “You in America”, depois de ser indicado para o Caine Prize for African Writing,

Oriundas de culturas diferentes, as autoras têm uma preocupação comum: não apenas narrar as dificuldades enfrentadas por imigrantes no processo de integração a um novo país, mas também mostrar como as suas identidades são afetadas pelo deslocamento de sua terra natal.

Do lugar antropológico ao não lugar

Os Estudos Culturais trouxeram à baila discussões acerca do conceito de identidade, demonstrando que o homem passou por diferentes formas de percepção identitária, desde o sujeito do Iluminismo, visto como detentor de uma identidade unificada e imutável; passando por uma perspectiva sociológica, fruto da interação entre o eu e a sociedade, até atingir a concepção pós-moderna de identidade, em constante mutação,

“transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados pelos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987, p. 13). Por outro lado, o esbatimento de fronteiras levou a uma nova compreensão do sentido de pertencimento, não mais vinculado ao espaço geográfico ou ao conceito tradicional de nação, mas concebido em relação a uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008).

Se, por um lado, os movimentos diaspóricos ensejam amalgamentos, identidades híbridas, resultantes do encontro entre culturas, por outro, o processo de integração a uma nova cultura se dá com diferentes gradações da manutenção dos vínculos com as raízes culturais, e, conseqüentemente, com o território.

Em “Desencanto”, de Orlanda Amarílis, a protagonista é uma migrante cabo-verdiana, que mora na linha Lisboa-Cascais e se dirige ao Cais-do-Sodré, onde deverá apanhar o barco que a levará a outra margem do Tejo para trabalhar. Enquanto se desloca, ela reflete sobre a própria condição. O sonho de ser bem sucedido na metrópole impulsiona o cabo-verdiano à emigração e a protagonista anônima é mais um dentre tantos outros migrantes que, na tentativa de serem absorvidos pelo mercado de trabalho no país de acolhimento, resignam-se a uma posição periférica, de quase anonimato (LOPES FILHO, 2007, p.38). A rotina é o seu maior inimigo em uma existência que não tem como ser diferente, dado o seu despreparo para funções melhores. O baixo nível de escolaridade e a falta de qualificação profissional a obriga aceitar empregos que não a motivam:

Numa casa estrangeira começara encantada uma nova vida. Nada de pontos nem chamadas escritas nem de lições preparadas com pouca vontade. Apenas lhe exigem boa apresentação e umas arranhadelas de francês e de inglês. Tudo lhe correu bem durante algum tempo. No entanto acabou por desistir. Desistir estupidamente sem razão aparente. Acabara por se cansar ela a rapariga decidida. Cansou-se de todos: do patrão dos colegas dos próprios clientes nem sempre os mesmos. Voltara as costas ao emprego precisamente quando já estava a adaptar-se à vida de pau mandado. (AMARÍLIS, 1991, p. 42)

O desencanto faz com que cogite a possibilidade do retorno, mas esse é um pensamento que ela logo afasta, porque a vida que a espera em Cabo Verde é ainda pior do que aquela que leva em Lisboa:

Sempre as mesmas caras todas as manhãs. Sempre as mesmas. Mas nada têm de comum com tudo para trás com tudo da vida de nómada levada desde que abandonou os estudos. Desde aquele dia soalheiro mas de uma incerteza tão grande e tão dorida de como poderia continuar a ver o mundo com os olhos dos outros. Pensara em voltar. A madrinha bem a aconselhara. Não. Não podia ser. Ter de se adaptar de novo começar tudo de princípio. Como se fosse possível uma coisa assim. Voltar para quê? Para vegetar atrás das persianas da cidade parada e espreitar as mulheres trazendo a água do Madeiral em latas à cabeça ou os homens puxando as zorras com os sacos para a casa Morais? Não não sempre não. (AMARÍLIS, 1991, p.42)

Amarílis retrata neste conto uma relação conflituosa do imigrante com a terra natal. Muito embora muitos imigrantes acalentem o sonho de um retorno, para a protagonista, essa hipótese equivale ao fracasso. Por outro lado, não há da parte dela uma valorização do território, da cultura, do que foi deixado para trás. Seus olhos estão voltados para o que a metrópole pode oferecer, ainda que perceba a sua invisibilidade social.

Normalmente, a memória é o último laço a atar o sujeito às suas raízes, a fazer com que ele desenvolva aquilo que Glissant denominou *détour*¹, ou seja, estratégias para manter viva a cultura, para preservar as tradições e o idioma natal. No caso específico de

“Desencanto”, a protagonista não revela interesse em cultivar esses laços. Por outro lado, ela tem consciência de estar à margem, de não pertencer ao lugar que a acolhe. Esse fato se evidencia na sua dificuldade para interagir com outras pessoas. O máximo de interação é o cumprimento corriqueiro de todas as manhãs: “Bom dia. Passou bem?” De tanto repetir o trajeto até o trabalho naquele mesmo horário, ela já conhece todos os passageiros frequentes, porém essa constatação apenas aumenta o sentimento de solidão. O seu trânsito pela cidade é inseguro, inquieto, em suas palavras, é “um escorregar constante. É como se fosse uma casca de banana grudada sob os pés. Adivinha o epílogo. Acabará por estatelar-se sem apoio”.

Sempre em trânsito, a correr do elétrico para o comboio e, em seguida, para o barco, a maior parte de sua vida é gasta em não lugares (AUGÉ, 1994), lugares de intensa circulação de pessoas, espaços de passagem incapazes de dar forma a qualquer identidade. Em meio à multidão, ela é apenas mais um anônimo, imerso na própria solidão. Essa condição é metaforizada pelo anonimato da personagem, de quem o leitor conhece os pensamentos e percebe o sentimento de inadequação, mas desconhece a identidade.

O fim do conto mostra uma mulher infeliz com a própria condição. Quando, na chegada ao porto, um homem se refere a ela como “mulata”, sua reação é de descontentamento. Desce trêmula, pois está “sempre a fugir de andar com os patrícios de cor para não a confundirem e afinal é um branco que lhe vem lembrar a sua condição de mestiça”. Essa constatação a faz definir a si mesma como “uma cigana errante, sem amigos, sem afeições”.

John Berry em seu estudo sobre os modos de aculturação do imigrante, afirma que quando um indivíduo não deseja manter a sua herança cultural, geralmente ele busca a assimilação. Entretanto, no conto de Amarílis, o preconceito étnico constitui a maior barreira à interação da personagem com o meio social. Preconceito este que exerce influência na maneira como a personagem se autorrepresenta.

O outro conto de Amarílis, “Cais-do-sodré”, a protagonista Andresa entabula uma conversa com uma patrícia e, a partir daí, passa a analisar o próprio comportamento em relação aos conterrâneos. Sua primeira reação ao encontrar Tanha, fora se afastar, mas, em seguida, uma predisposição que ela mesma não compreende faz com que passe a uma interlocução que vai além das regras de sociabilidade, pois visa à recuperação de algo do território que abandonara: “De há algum tempo para cá acontece-lhe isto. Vê um patrício, sente necessidade de lhe falar, de estabelecer uma ponte para lhe recordar a sua gente, a sua terra”.

Andresa tem uma relação de atração e rejeição pelos compatriotas, que pode ser comprovada na passagem a seguir: “feito o contacto, o desencanto começa a apoderar-se dela. Qualquer coisa bem no íntimo lhe faz sentir. Não há afinidades nenhuma com as pessoas de há quinze anos para trás”. Enquanto Tanha narra o infortúnio do pai, que tanto desejara ir a Lisboa e o fizera apenas para falecer dois dias depois, Andresa a observa criticamente, pensando que ela passará pela vida sem se dar conta.

Disposta a pôr um fim na conversa, Andresa alega estar à espera do marido e impossibilitada de acompanhá-la até o comboio. Sentada na estação, ao lado de uma inglesa ruiva, ela se entrega às lembranças de sua terra, às credices e casos permeados pela cor local. Dá-se conta, por fim, de que nada tem a ver com a inglesa sentada ao seu lado. Decide levantar-se e procurar a patrícia, que está sentada mais adiante, para dar continuidade ao diálogo.

Este conto revela outro aspecto da relação com o território. A percepção que Andresa tem da terra natal é revestida de um caráter utópico, que a faz buscar, ainda que inconscientemente, as experiências lá vividas. O *détour* se manifesta por meio da

rememoração. Em *Imaginary Homelands* (1991), Rushdie argumenta que a impossibilidade de retorno alimenta a idealização do lugar de origem. Ao contrário da protagonista de “Desencanto”, Andresa parece ter passado por um processo integrativo, típico das identidades híbridas, que, segundo Berry, é caracterizado pela conciliação entre culturas.

O conto de Chimamanda Adichie aborda a história de Akunna, uma jovem nigeriana de vinte e dois anos que ganha a loteria do visto americano e parte para os Estados Unidos repleta de esperanças construídas a partir do imaginário de seu povo sobre o *American way of life*:

Logo depois de você ganhar a loteria do visto americano, eles lhe disseram: daqui a um mês, você vai ter um carro grande. Logo, uma casa grande[...]Batalhões deles entraram no quarto em Lagos que você dividia com seus pais e três irmãos, apoiando-se nas paredes sem pintura porque não havia cadeiras para todos, para se despedir em voz alta e lhe dizer, em voz baixa, o que queriam que você lhes enviasse. (ADICHIE, 2009, 106)

Akunna é hospedada por um tio que morava numa pequena cidade “de gente branca” no Maine. Ele lhe contara que tinha um salário acima da média porque a empresa para a qual trabalhava necessitava comprovar diversidade nas contratações, o que compensava o deslocamento da sua esposa, por cerca de uma hora, em busca de uma cabeleireira apta a tratar de cabelos crespos. Há, indubitavelmente, um teor sociocrítico nessa revelação do tio à sobrinha, pois demarca com clareza os espaços sociais de brancos e negros. Na faculdade comunitária que a jovem passa a frequentar, o seu cabelo trançado passa a ser foco das conversas, fazendo com que se sinta como um animal em um zoológico.

A princípio, a estada na casa do tio lhe dá segurança e mantém o elo com a terra natal, pois falam o mesmo idioma igbo e tem os mesmos hábitos alimentares. Entretanto, ele tenta violentá-la, argumentando não ser seu tio de fato e prometendo ajudá-la, pois “as mulheres espertas faziam isso o tempo todo”. Na manhã seguinte, a jovem pega um ônibus e vai para Connecticut, a última parada, onde começa a trabalhar como garçõete.

Sem ter condições financeiras para continuar seus estudos, passa a ler na biblioteca pública a bibliografia dos cursos que desejaria frequentar. Sua existência é alimentada pelas lembranças dos familiares e da Nigéria:

Às vezes, ficava sentada no colchão cheio de bolotas de sua bicama e pensava no seu país — nas suas tias que vendiam peixe seco e banana-da-terra na rua, adulando os passantes para que comprassem com elas e logo gritando insultos para aqueles que recusavam; nos seus tios, que bebiam o gim nacional e espremiavam suas famílias e suas vidas em apenas um cômodo; nos amigos que tinham vindo se despedir de você, se regozijando porque você havia ganhado a loteria do visto americano, confessando a inveja que sentiam; nos seus pais, que muitas vezes davam as mãos quando caminhavam para a igreja no domingo de manhã, fazendo com que os vizinhos rissem e brincassem com eles; em sua mãe, cujo salário mal dava para pagar os estudos dos seus irmãos na escola de ensino médio onde os professores davam nota dez para quem lhes passava um envelope de papel pardo. (ADICHIE, 2009, p.108)

A exemplo de tantos imigrantes que saem de seus países para tentar a sorte no exterior, a protagonista envia metade de seus ganhos mensais para os pais, colocando o endereço da paraestatal onde sua mãe trabalha como faxineira. Não escreve nada, por achar que não há o que dizer, nem tampouco coloca seu endereço no envelope. A utopia que lhe

trouxera tanto júbilo na sua ida para os Estados Unidos se desfizera. A América não era o Eldorado. Mais tarde, começa a sentir o desejo de narrar o estranhamento ante o *modus vivendi* dos estadunidenses, o choque cultural, mas, ainda assim, não o faz:

Quis escrever sobre a surpreendente franqueza das pessoas nos Estados Unidos, sobre como elas pareciam ansiosas para lhe falar da luta de sua mãe contra o câncer, sobre o bebê prematuro da cunhada, o tipo de coisa que a gente devia esconder ou revelar apenas para os parentes que nos queriam bem. Quis escrever sobre como as pessoas deixavam tanta comida nos pratos e largavam algumas notas de um dólar amassadas sobre a mesa, como se fosse uma oferenda, uma expiação pela comida desperdiçada. Quis escrever sobre a criança que começou a chorar, puxar os cabelos louros e empurrar os cardápios da mesa e, em vez de os pais a obrigarem a calar a boca, imploraram para que ficasse quieta, uma criança de no máximo cinco anos de idade, até que acabaram levantando e indo embora. Quis escrever sobre as pessoas ricas que usavam roupas esfarrapadas e tênis puídos, que pareciam os vigias noturnos das grandes propriedades de Lagos. Quis escrever que os americanos ricos eram magros e os pobres, gordos, e que muitos não tinham uma casa e um carro grandes. (ADICHIE, 2009, p.109)

Do mesmo modo que a protagonista de “Desencanto”, Akunna sente o peso da invisibilidade social e da solidão, que a levam a esmurrar as paredes até ficar com manchas roxas nos braços. O conto evidencia outro aspecto, mencionado por Rushdie em *Imaginary Homelands*: o desconhecimento dos estadunidenses em relação à diversidade cultural, perceptível na passagem a seguir:

Muitas pessoas no restaurante perguntavam quando você tinha chegado da Jamaica, pois achavam que qualquer negro com sotaque estrangeiro era jamaicano. Alguns que adivinhavam que você era africana diziam que adoravam elefantes e queriam fazer um safári. (ADICHIE, 2009, p. 110)

O envolvimento de Akunna com um jovem branco que frequenta o restaurante em que trabalha como garçom ameniza a saudade de casa. A sensação de aperto no pescoço que metaforiza a dificuldade de adaptação desaparece e marca o princípio de uma efetiva reterritorialização. O interesse e conhecimento que ele demonstra ter pela África a cativam, mas não diminuem o impacto da reação das pessoas ao vê-los juntos:

Pela reação das pessoas, você sabia que vocês dois eram anormais — o jeito como os grosseiros eram grosseiros demais e os simpáticos, simpáticos demais. As velhas e os velhos brancos que murmuravam e o encaravam, os homens negros que balançavam a cabeça para você, as mulheres negras com pena nos olhos, lamentando sua falta de autoestima, seu desprezo por si mesma. Ou as mulheres negras que davam sorrisos rápidos de solidariedade; os homens negros que se esforçavam demais para perdoar você, dizendo oi para ele de maneira excessivamente óbvia. (ADICHIE, 2009, p. 115-116)

Aos poucos, Akunna percebe as diferenças culturais nos modos diversos que eles têm de atribuir valor às coisas e às pessoas. Essa percepção faz com que, finalmente, decida escrever aos pais, dando-lhes seu endereço. Dias depois, recebe a notícia da morte do pai e opta pelo retorno às origens:

Seu pai estava morto; simplesmente caiu sobre o volante do carro da empresa. Há cinco meses, escreveu ela. Eles tinham usado parte do dinheiro que ela enviara para dar a ele um bom funeral: mataram um bode para os convidados do velório e compraram um bom caixão. Você se enroscou na cama, apertou os

joelhos contra o peito e tentou lembrar o que estava fazendo quando seu pai morreu, o que tinha feito durante todos aqueles meses em que ele já estava morto. Talvez seu pai tivesse morrido no dia em que você sentiu calafrios pelo corpo todo, ficando com os pelos duros como grãos de arroz crus, sem saber explicar por quê, no dia em que Juan brincou que você devia ficar no lugar do cozinheiro, para poder se esquentar com o calor da cozinha. Talvez seu pai houvesse morrido num dos dias em que você dirigiu até a cidade de Mystic, ou assistiu a uma peça em Manchester, ou jantou no Chang's. (ADICHIE, 2009, p. 117).

Akunna não é movida apenas pela culpa, mas também pela súbita revelação de estar efetivamente “fora de lugar”.

Vozes de literaturas “menores”: à guisa de conclusão

Amarílis e Adichie escreveram os contos abordados neste trabalho nos idiomas dos países que as acolheram: respectivamente, em português e inglês. Muito embora o português seja a língua oficial de Cabo Verde, na prática, a língua materna é o crioulo cabo-verdiano. Do mesmo modo, o inglês é a língua oficial da Nigéria, porém a nação compreende cerca de 500 grupamentos étnicos, e a maior parte deles tem dialetos próprios, sendo que os três idiomas mais falados, à exceção do inglês, que é uma língua franca, são o Hausa, o Igbo e o Yorubá.

Deleuze e Guattari (1977) cunharam o termo “literatura menor” para referir-se à literatura produzida por minorias étnicas em uma literatura maior, ou canônica. Para os dois teóricos, “uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior”. Responde, portanto, pelas condições revolucionárias de uma literatura no seio de outra literatura estabelecida. As obras de Orlanda Amarílis e Chimamanda Ngozi Adichie indubitavelmente podem ser assim classificadas, pois demonstram as falhas de a literatura canônica ao refletir identidades múltiplas que destoam do modelo eurocêntrico.

Os contos examinados contêm representações da difícil relação do imigrante com o território que abandona, ou seja, com o seu lugar antropológico, e da igualmente complexa relação com a pátria de acolhimento, onde, na maioria das vezes, se sente deslocado e marginalizado. O foco especial dado à mulher nos textos das duas autoras reflete a preocupação de dar visibilidade à situação social da mulher migrante, objeto de uma dupla discriminação.

ABSTRACT: This paper proposes the analysis of literary texts that promote not only the representation of different forms of relation of the immigrants with their homelands, but also the process of reconfiguration of identities in the host country. For that, the tales "Cais-do-Sodré" and "Desencanto" by Orlanda Amarílis, and "You in America" by Chimamanda Ngozi Adichie will be examined.

Keywords: territory; identity; migration.

* Shirley de Souza Gomes Carreira é Doutora em Literatura Comparada (UFRJ), Mestre em Linguística Aplicada (UFRJ), com Pós-Doutorado em Literatura Inglesa (UERJ).

ⁱ GLISSANT. *Le discours antillais*, p. 31.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. No seu pescoço. In: _____. *No seu pescoço*. Trad. Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 106-117.
- AMARÍLIS, Orlanda. Desencanto. In: _____. *Cais do Sodré té Salamansa*. Lisboa: Alac, 1991, p.41-45.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BERRY, J. W. Migração, Aculturação e Adaptação. In: *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. SP: Casa do Psicólogo, 2004.
- CANCLINI, Néstor G. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora da URFJ, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mille plateaux: Capitalisme et schizophrénie 2*. Paris: Minuit, 1980.
- _____. *Kafka- Por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- LOPES FILHO, João. *Imigrantes em terra de emigrantes*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro, 2007.
- RUSDHIE, Salman. *Imaginary Homelands. Essays and Criticism 1981-1991*. London: Granta/Penguin, 1991.